

conhecimento ou pensamento, nem anterior, fosse recente ou remoto: veio-me o pressentimento de que, naquele prédio ia ocorrer um crime de morte.

Entrando em casa, pouco depois, encontrei a nossa criada no corredor e, ainda preocupado, na falta de outro interlocutor, comuniquei-lhe de passagem, o meu mau pressentimento. A empregada, para minha maior surpresa, admitiu como possível o crime: na casa citada residiu um casal que "não se dava bem". Uma vez a desavença foi mais forte; o marido retirara-se da cidade. Naquela manhã, entretanto, a minha empregada, ao que me disse então, vira o marido que voltara repentinamente, rondar a casa onde ficara residindo a mulher.

Assim informado, dirigi-me ao delegado de polícia, para pô-lo de sobreaviso.

Encurtaremos a história do professor, dando o desenlace: o crime foi de fato cometido.

A aura

Contada a história, o adepto da subconsciência, confessa a sua perplexidade, ao que o coronel Anísio acode, com a explicação espírita: nossas intenções gravam-se na aura, espécie de registro das nossas vontades. E os espíritos têm o poder de ler nessa página recôndita. A vontade de matar gravara-se na aura do homem que rondava a casa. Um espírito evoluído lera ali e fizera ao professor a revelação.

O professor sorri e diz alguma coisa em latim; está ainda contra a hipótese espírita, e justifica sua relutância por ter sido, diz, educado na escola da verdade.

Mas o coronel Anísio vale-se também de um latim filosófico para levar o professor a esta conclusão:

— Ninguém pode dar o que não tem.

É uma de suas conclusões sobre o caso "Chico Xavier", no que se refere à instrução deste.

E o debate prossegue.

Uma batida à porta

Neste momento, aqui, da mesa onde escrevemos, ouvimos bater à porta. Alguém chama o repórter. Há algo de extraordinário para a reportagem, lá fora. São mais de 23 horas, e de uma noite fria...

16

DOIS MÉDICOS PROCURAM PÔR À PROVA O "MÉDUM" DE PEDRO LEOPOLDO

Um teste inesperado – "O diabetes é moléstia microbiana?" – Uma hora e meia para a resposta – "Os homens, através do sofrimento, adquirirão a experiência que os conduzirá à regeneração da saúde" – diz o "guiá" de Chico Xavier

PEDRO LEOPOLDO, 14 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — Ao encerrarmos a última correspondência, dizíamos que alguma coisa solicitava lá fora a presença do repórter. E usamos ainda a palavra "extraordinário".

Realmente, o que iríamos constatar era sim extraordinário, mas sem o sensacionalismo ruidoso das coisas propriamente terrenas.

Era um "extraordinário" sereno, silencioso, como tudo que vimos observando dentro da esfera do caso Chico Xavier.

Mais um teste

Relembremos.

Ontem à noite, pouco depois das 20 horas, quando nos recolhímos ao hotel, encontramos, num automóvel, o Dr. Maurício de Azevedo, acompanhado de dois médicos chegados de fora há pouco, no mesmo carro, e aqui trazidos por esta intenção, segundo logo depois sabíamos: fazer uma consulta, ou antes, uma simples pergunta ao "médium".

Trocamos cumprimentos com o Dr. Maurício e este, depois de nos apresentar aos médicos que o acompanhavam, faz-nos um pedido:

— Aqui o Dr. Márcio, ouvindo o que se conta de Chico Xavier, teve

a curiosidade despertada pelo caso, e, como não seja um crente da doutrina espírita, mostrou o desejo de fazer ao "médium" uma pergunta, em torno de uma questão médica, na conjectura, logo se vê, de que o rapaz procure colher para a mesma uma resposta, de seus guias e protetores, do mundo do Astral em suma, com o qual diz comunicar-se assiduamente. Levei-o, por isso, ainda agora lá, ao Chico Xavier.

E a rápida explicação do Dr. Maurício ainda nos diz que, no momento, por circunstâncias várias, o seu trabalho, etc., não pudera o caixearinho de "seu" Zé Felizardo tentar a comunicação com o Além.

O médico, porém, precisava prosseguir viagem, no automóvel, para Sete Lagoas. Não poderia aguardar o transe.

A pergunta, escrita então ao alto de uma folha em branco, fora entregue ao Chico Xavier, cerca das 20 horas, isto é, minutos antes do nosso encontro. O "médium" prometera que, o mais breve possível, se recolheria à casa e, pela concentração, procuraria comunicar-se com o Além e apresentar a pergunta.

O Dr. Maurício pedia então ao repórter que procurasse receber a mensagem das mãos do "médium" logo que este a recebesse a fim de se poder fixar o tempo decorrido entre a pergunta e a resposta.

Pois, não!

Encontramos o "médium", uns quarenta minutos depois quando, finadas suas ocupações, ele se recolhia à casa; e lhe expusemos o pedido que nos fora feito.

— Pois não! — acode ele. — Vou agora tratar disso. Logo que tenha a comunicação, irei entregá-la ao senhor.

Pouco mais de hora e meia

Cerca de 22:30, isto é, pouco mais de hora e meia, depois de o havermos deixado, Chico Xavier nos procurava no hotel. Trazia a resposta à pergunta do médico.

Como todos no hotel já estivessem recolhidos, descemos com ele até ao clube, onde pedimos a uma pessoa idônea o seu testemunho para o que teríamos de afirmar depois: que Chico Xavier nos entregara a mensagem àquela hora.

A consulta sobre o diabetes

A pergunta feita pelo médico citado era a seguinte:

— O diabetes é moléstia microbiana? Em caso contrário, esclarecer as causas possíveis da moléstia.

Essa consulta logo se comprehende, fora feita pelo médico, unicamente como uma espécie de teste.

A resposta do Além

A resposta psicografada por Chico Xavier é a seguinte:

"O diabetes ainda não se encontra bem definido pela ciência, que o tem considerado como derivação do enfraquecimento orgânico. Síndrome assinalado pela irregularidade da combinação dos hidratos de carbono, trazendo ao sangue o excesso de matérias açucaradas, os menores abalos do aparelho glico-regulador podem produzi-lo, como sejam as alterações do funcionamento da glândula abdominal, as afecções do fígado ou da hipófise, ocasionando a ausência do equilíbrio endocrinico. *

Todas as moléstias têm o seu ascendente nos fatores de ordem microbiana e paulatinamente a ciência conseguirá intensificar o trabalho de que Pasteur foi expoente dos mais dignos, estudando a complexidade dos organismos unicelulares e criando as substâncias microbicidas, isto porém na medida de sua espiritualização.

Em grande parte, deve o diabetes a sua causa aos vícios da alimentação e poderá ser curável quando os doentes de dispuserem a prescindir de todos os elementos da carne, entregando-se, embora com sacrifício, ao regime dos legumes, exclusivamente à alimentação natural, porque a insulina, apesar de aconselhável como proporcionadora de bons resultados, não basta para que a melhora se efetue largamente no tratamento do enfermo. Exija-se deste paciência e perseverança.

Aos poucos, os homens, através do sofrimento, adquirirão a experiência que os conduzirá à regeneração da saúde prejudicada desde tempos imemoriais pelos seus vícios e desvios, adquiridos em grande parte dos seus ancestrais.

Emmanuel."

Uma observação

Temos procurado, desde o início, indicar, nesta reportagem, todas as

(*) Neste parágrafo, trocando a palavra combinação (dos hidratos de carbono) por "combustão", e definindo qual é a glândula abdominal com alterações do funcionamento: pâncreas, torna-se o pensamento do Autor espiritual mais completo. (Nota do Org.)

circunstâncias que rodeiam Chico Xavier, no exercício de suas faculdades mediúnicas.

Dentro desse espírito de fidelidade ao observado tomaremos a liberdade de destacar este detalhe:

Os dois médicos de Pedro Leopoldo estão acima de qualquer suspeita. Para aqueles, porém, que, residentes longe daqui, não conheçam os dois distintos clínicos, observaremos o seguinte: nenhum deles se encontrava em Pedro Leopoldo na noite de ontem.

Uma série de perguntas para hoje

Agora encerremos a reportagem de hoje e preparemo-nos para a sessão de logo à noite, durante a qual pretendemos fazer ao médium uma série de perguntas interessantes.

17

COMO EM DELFOS, A VOZ DOS ORÁCULOS ALVOROÇA PEDRO LEOPOLDO

PEDRO LEOPOLDO, 16 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – A segunda sessão espírita a que iríamos assistir, ontem à noite, na casa de José Xavier, assumia, tanto para a reportagem como para a curiosidade pública, uma significação ainda mais fascinante, mais empolgante do que a anterior, e isso, por esta razão muito simples e muito extraordinária a um tempo: divulgara-se, pela cidade, que – para falarmos em linguagem puramente jornalística – o repórter, de certa forma, havia como que aberto, segundo expusemos em correspondência anterior, uma impressionante possibilidade de entrevistas com o Além... E isso viera desencadear ainda com mais violência a torrente da curiosidade.

O oráculo

- O jornalista fez a pergunta e Chico, zás, respondeu...
- Deveras?!...
- Depois foi o médico...

Depois o advogado. E lembra-se o caso do senhor de Sete Lagoas que, ainda há pouco tempo, preocupado com certos problemas de economia política, fizera, ao “médium” em transe, uma indagação mais ou menos nestes termos:

- A economia dirigida é um mal? – indagação essa que tivera pronta resposta?

E assim vão o comentário e a surpresa popular esboçando, numa sistematização aliás justificada, a nova fase do caso Chico Xavier, e na qual o “médium” humílimo avulta, de improviso, como um sereno oráculo postado na encruzilhada inevitável das dúvidas e da fé, no ponto exato de confluência das indagações vindas da razão ou da crença incondicional.